

## NO PRINCÍPIO ERA O AMOR: UMA LEITURA DE "REMINISÇÃO", CONTO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Antonia Marly Moura da Silva CRUZ\*

*Tudo, para mim, é viagem de volta.*

Guimarães Rosa.

"Antiperipléia"

Este trabalho tem como propósito a leitura de "Reminiscção", parte integrante de *Tutaméia* de João Guimarães Rosa. Tentaremos mostrar a construção do amor a partir da análise temática e de determinadas figuras discursivas que se apresentam como elementos desencadeadores da situação amorosa. Para a abordagem analítica do conto, privilegiaremos determinadas categorias da narrativa, tais como: a caracterização da personagem, a ação, a composição da história e o espaço.

Os indícios do arcabouço filosófico que sustentam a história de "Reminiscção" apresentam-se desde seu título. Ao lermos o título do conto imediatamente temos a idéia de reminiscência<sup>1</sup>, de recordação, de memória.

A teoria da reminiscência é sustentada por Platão como condição do mundo das idéias. É imprescindível admitir que o conhecimento das formas incorpóreas antecede ao conhecimento pelos sentidos que só apreendem aquilo que é corpóreo. Conhecer é, então, relembrar. A afirmação da reminiscência exige, por sua vez, uma outra hipótese que a sustente. A preexistência da alma em relação ao corpo, sua

---

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – 05508-900 – São Paulo – SP.

<sup>1</sup> No sentido etimológico, "reminiscência" é "aquilo que se conserva na memória, lembrança. Do latim 'reminiscentia-ac' " (Cunha, 1994, p. 674).

inocorrupibilidade e, portanto, sua imortalidade constituem a nova hipótese que servirá de fundamento para a doutrina da reminiscência. (Bulcão, 1991, p. 307).

Dessa maneira, a palavra reminiscência sugere recordação de vidas anteriores, na concepção platônica de recordar - a teoria da *anamnese*.<sup>2</sup> Assim, os contrários vida e morte apresentados logo na primeira linha da narrativa, nos remetem ao âmago da teoria platônica da reminiscência desenvolvida em *Fédon* e em *A República*. “Viver tem por contrário morrer, e o que constitui a geração dos mortos para os vivos é precisamente ‘reviver’, afirma o filósofo grego” (Platão, 1991, p. 75).

De acordo com Platão, para haver recordação de alguma coisa é preciso ter sabido antes essa coisa. Portanto “os homens se recordam daquilo que aprenderam num tempo passado” (1991, p. 80). O autor de “Reminiscência” parece querer resgatar essa teoria da reminiscência. Concentrando-se na dicotomia de valores humanos - essência e aparência, vida e morte, belo e feio - o narrador constrói, em terceira pessoa, a aparentemente inusitada história de amor de Romão e sua esposa Nhemaria, também chamada de Drá ou Pintaxa. A temática do amor apresenta-se por vezes enigmática, por vezes fantástica, adquirindo sentido pelo desvendamento dos ecos da filosofia platônica que a sustentam.

Nesse conto, Guimarães Rosa estabelece uma demarcação nítida entre o amor da alma e o amor do corpo; focaliza o amor da alma como o amor verdadeiro, o veículo que conduz o amante para o conhecimento da verdade, da outra dimensão do ser. Dessa maneira, cria o amor como um novo valor, diferente daquele consagrado pela tradição cultural e literária, questão que o narrador propõe logo no primeiro parágrafo: “Esse é um amor que tem assunto. Mas o assunto enriquecido - como do amarelo extraem-se idéias sem matéria” (Rosa, 1979, p. 81).

---

<sup>2</sup> Diz Platão: “ao percebermos uma coisa pela vista, pelo ouvido ou por qualquer outro sentido, essa coisa nos permita pensarmos num outro ser que tínhamos esquecido, e do qual se aproximava a primeira, quer ela lhe seja semelhante ou não. Por conseguinte, torno a repetir, de duas uma: ou nascemos com o conhecimento das idéias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira - ou então, depois do nascimento, aqueles de quem dizemos que se instruem nada mais fazem do que ‘recordar-se’; e neste caso a instrução seria uma reminiscência” (1991, p. 79).

Em “Reminiscção”, os conceitos platônicos que embasam a construção da narrativa são evidentes; o autor consagra o belo amor da alma em detrimento do mau amor do corpo. Poderíamos dizer que esse conto apresenta-se, diretamente, inspirado em *O Banquete* e no *Fedro* de Platão.

## OS CONTRÁRIOS

O narrador começa por apresentar a vida e a morte como oposição semântica que baliza a construção da narrativa. No que diz respeito à questão amorosa, sob o signo da polarização, figurativiza a natureza do amor de Romão com características de índole espiritual e revela a atração de Pintaxa pelos prazeres terrenos, ambos descritos como o “par de contrários”. “Vai-se falar da vida de um homem; de cuja morte, portanto. Romão - esposo de Nhemaria, mais propriamente a Drá, dita também a Pintaxa - ímpar o par, uma e outro de extraordinem” (Rosa, 1979, p. 81).

A estranheza da situação amorosa aparece em vários aspectos, a começar pela apresentação do casal. Romão e Pintaxa são construídos como “um e outro de extraordinem”. Trata-se, portanto, de personagens raras, singulares, fora do comum. O que nos chama a atenção, por outro lado, é o enfoque dado à figura feminina, a negatividade com que são fornecidos os aspectos de Pintaxa:

Divulgue-se a Drá: cor de folha seca escura, estafermiça, abexigada, feia feito fritura queimada, ximbé-ximbeva; primeiro sinisga de magra, depois gorda de odre, sempre própria a figura do feio fora-da-lei. Medonha e má; não enganava pela cara. (Rosa, 1979, p. 81)

O narrador acentua a degradação de Drá, aproximando-a insistentemente do escuro, do manchado - “folha seca escura, fritura queimada” - o que pode servir para conferir-lhe o apelido de Pintaxa, adotado pela comunidade. O nome Pintaxa nos lembra *pinta* que comporta as acepções *pequena mancha*, *mancha escura* idéias sempre associadas ao escuro. Na construção da personagem feminina, há uma certa repulsa por parte do narrador; Pintaxa, “o par” de Romão, é grotescamente caracterizada; Romão, por sua vez, é apresentado com tonalidade afetiva positiva. Enquanto Pintaxa é “medonha e má”, Romão é “bom sapateiro, audaz descobridor”, aquele que procura o avesso das coisas, o que serve para realçar a oposição de valores inseridos na narrativa.

Mesmo sendo Pintaxa “a figura do feio fora-da-lei”, Romão “gostou dela”. Em Cunhãberá, os dois “escolheram-se” e casaram-se, embora, na opinião do narrador, ele “pudesse achar negócio melhor” (Rosa, 1979, p. 81). Romão aceita Pintaxa tal como ela é, “aceita e não confere”, pois a personagem é “indicada”. Romão atém-se à beleza em seu aspecto atemporal, reconhece o que há de belo, interiormente, em Drá, a essência, a realidade absoluta. Acrescente-se a isso o fato de que Romão “tinha em si uma certa matemática” (Rosa, 1979, p. 81) e “Sapateiro sempre sabe. Ou num fundo guardasse memória pré-antiqüíssima” (Rosa, 1979, p. 82).

A matemática de Romão facilita-lhe a passagem da própria alma à verdade e à essência. Para Platão, “passar da multiplicidade confusa do sensível para as relações matemáticas constitui uma primeira forma de inteligibilidade” (Bulcão, 1991, p. 307).

A atmosfera de caricatura com que é apresentada Pintaxa propicia a atmosfera espectral, Pintaxa representa a aparência; Romão, por outro lado, figurativiza o oposto, a essência, “com pelejos de poeta”, como afirma o narrador. A relação de Romão e Drá é construída a partir de díades que os polarizam segundo valores e sentimentos. Romão está ligado à idéia de memória e luz, enquanto Drá liga-se à idéia de esquecimento e de sombra. Num esquema, teríamos:

<b>Romão</b>	<b>x</b>	<b>Drá</b>
Memória		Esquecimento
Luz		Sombra

Essa polaridade nos remete a dois mitos platônicos, o primeiro é o mito de Er<sup>3</sup> - último episódio do livro X de *A República*, que trata da questão do destino das almas além-mundo e da noção do “não esquecido” - o segundo é o mito da caverna, apresentado no livro VII de *A República*, o relato de Sócrates a Glauco sobre o que significa a saída para fora das trevas - as trevas representando a ignorância. Somente fora da caverna é que se pode distinguir entre aparência e realidade para assimilar a verdade inesgotável do ser.

---

<sup>3</sup> O mito conta-nos a viagem do filho Armênio, Er, originário da Panflia, região da Ásia Menor. Como não bebera água do rio Ámeles, na planície do Esquecimento, conservou as visões do mundo dos mortos (Fonseca, 1991, p. 175).

Romão ama Pintaxa e é fiel à mulher - a resistência à tentação do amor corpóreo, mostra o esplendor do amor cósmico, transcendente - mesmo quando ela foge de casa com outro homem; a fidelidade representa a abstinência de Romão, manifesta seu desapego à materialidade do corpo.

Pressupomos que Romão vê em Pintaxa o passado, um passado que aparece como uma dimensão do além; ele atribui a Drá uma imagem antes introjetada. A ausência de beleza física em Pintaxa e a traição com outro homem não desanimam Romão que tenta reviver um tempo antigo independentemente dos acontecimentos que se desenrolam no presente dos fatos narrados. O que importa é o passado da mulher e suas outras qualidades, a mulher que pode ter sido Nhemaria e que constituiria a imagem da mulher recordada; por isso, a personagem ignora a feiúra corporal de Drá para atingir a beleza absoluta que é invisível aos olhos do corpo - a idéia. Atente-se para o fato de que, no final da narrativa, de forma mágica, quando ocorre a metamorfose de Pintaxa, a mulher feia transforma-se em bonita, a personagem é dita Nhemaria:

Romão por derradeiro se soergueu, olhou e viu e sorriu, o sorriso mais verossímil. Os outros, otusos, imaginânicos, com olhos emprestados viam também, pedacinho de instante: o esboçoso, vislumbração ou transparecência, o aflato! Da Drá, num estalar de claridade, nela se assumia toda a luminosidade, alva, bellissima, futuramente... . O rosto de Nhemaria (Rosa, 1979, p. 83)

A metamorfose de Nhemaria ocorre de forma mágica e o encantamento do conto é sugerido no início da narrativa com o enunciado: "Era um silêncio quase calado". (Rosa, 1979, p. 81).

O amor de Romão por Nhemaria configura-se como lembrança do que a alma contemplou em vida anterior, a imagem da mulher é a recordação do que Romão viveu em outra vida, o que é sugerido logo no título da narrativa. Segundo Spera, os vocábulos "vislumbração" e "transparecência", no trecho citado anteriormente, remetem às idéias contidas no título,

ao mesmo tempo que condensam e intensificam as ações do protagonista Romão, que é o único a "ver" na personagem Drá (ou Pintaxa, como o povo a chamava) traços positivos de Nhemaria, como finalmente é nomeada no conto. Só no momento da morte do protagonista, é facultado aos outros ver "com olhos emprestados" a

verdadeira natureza de Nhemaria. Nessa comunhão, vêem todos a vislumbração e a transparência de Nhemaria, ou seja, um “vislumbre de lembrança” somado a uma “essência transparente”. (Spera, 1995, p. 89)

Antes de Romão morrer, a luz inunda o quarto e ele vê Nhemaria, não há mais nenhuma dúvida com relação à aparência e à realidade. Além de Romão, todos os presentes conseguem ver o invisível, embora olhem “com olhos emprestados”. Da Drá, num estalar de claridade conseguem ver a verdade. Ver, portanto, nesse contexto, configura-se como forma de conhecer, saber, lembrar. Nesse sentido, pode-se dizer que o conto trata da luta de Romão para elevar o amor de Drá a um outro nível; a figura feminina apresenta um corpo feio, mas, em contrapartida, uma alma nobre, o que o homem procura.

### **O OLHAR E A LUZ: O CAMINHO PARA A SABEDORIA**

Em “Reminiscção”, a questão do olhar, da sombra e da luz, temas platônicos por excelência, são marcantes no desenrolar da narrativa. Os signos **ver, não ver, olhar**, apresentam-se com muita frequência, como se pode ver nos trechos abaixo:

Olhar muito para uma ponta de faca, faz mal. (Rosa, 1979, p. 81)

Cunhãberá via-os não via (Rosa, 1979, p. 81)

Vês tu, ou vê você? (Rosa, 1979, p. 82)

O povo vendo (Rosa, 1979, p. 82)

Romão olhava em ponto (Rosa, 1979, p. 82)

Romão queria vê-la chupar laranjas (Rosa, 1979, p. 83)

buscava a Drá com os olhos (Rosa, 1979, p. 93)

Romão de derradeiro se soergueu, olhou e viu (Rosa, 1979, p. 83)

Os outros otusos, imaginânicos, com olhos emprestados viam também (Rosa, 1979, p. 83)

O que nos leva a crer que, nesse conto, o ato de ver é uma experiência mágica. Os moradores de Cunhãberá viam e não enxergavam. A atitude de observar a feiúra de Pintaxa e de julgar sua vida é sinal de que olhavam de longe e de forma vigilante. Diz o narrador: “O povo, vendo, condenava-a” (Rosa, 1979, p. 82). O ato de não ver sublinha a idéia de cegueira, textualmente referida pelo narrador - “Romão imutava-se coitado. Disso ninguém dava razão: o atamento, o fusco de sua tanta cegueira” (Rosa,

1979, p. 82)? Só é dado o direito de enxergar a Pintaxa e aos moradores de Cunhãberá no final da narrativa, quando o quarto é ofuscado de luz.

No conto, a convergência entre o fim e o começo, a morte e a vida, o tempo e a memória manifesta uma realidade que escapa ao olhar humano. O reviver, o recordar e o aprender de que fala Platão, talvez seja o modo de afirmar o caráter do conhecimento matemático de Romão. Notemos que o tipo de amor alimentado por Romão vive de recordação e de aprendizagem, como assinala o próprio narrador, seu amor é um “gostar sentido e aprendido, preciso, sincero como o alecrim” (Rosa, 1979, p. 82).

Segundo Vernant em seu ensaio Aspectos míticos da memória e do tempo,

Em Platão, o relembrar não concerne mais o passado primordial nem as vidas anteriores; tem como objeto as verdades cujo conjunto constitui o real. ... para Platão, saber não é outra coisa senão lembrar-se, isto é, escapar ao tempo da vida presente, fugir para longe da terra, voltar à pátria divina da nossa alma, reunir-se a um “mundo das idéias” que se opõe ao mundo terrestre como este além com o qual Mnemosyne estabelecia a comunicação. (1990, p. 127)

A menção a Mnemosyne, memória, nos faz lembrar a *Teogonia* de Hesíodo: em sua acepção, a memória é onisciente, ela sabe “tudo aquilo que foi, tudo aquilo que é, tudo aquilo que será” (1992, p. 32). Essa é uma questão que nos remete à teoria da reminiscência manifestada no decorrer da narrativa, a idéia de que “as almas antes de entrar nos corpos contemplaram as idéias eternas e a percepção sensível dos objetos materiais lhes desperta uma recordação dessas idéias”. (Platão, 1991, p. 78).<sup>4</sup> Em suma, o que ocorre é a crença na alma antes do nascimento e depois da morte; desse modo, a saída das sombras, que experimenta a personagem feminina, é feita à luz da idéia de morte.

Romão, como Narciso, morre depois de ver o objeto do seu amor. A insistência em permanecer com Pintaxa funciona como forma de tentar dirigi-la ao amor e à sabedoria. Pintaxa, trocando o amor espiritual de Romão pelo amor carnal de outro homem, mostra-se cega, não consegue ler o invisível, como faz Romão; ele, por outro lado, configura-se como o amante que Platão

<sup>4</sup> Nota do tradutor.

constrói no *Fedro*, afasta-se dos interesses humanos e dirige seu espírito para os objetos divinos. Nhemaria representa a beleza que liga Romão ao sagrado e ao amor numa concepção cósmica, o sagrado que é sublinhado pelo nome de Maria, a Virgem, textualmente mencionada pelo narrador no início da narrativa. Assim, esse amor quase místico, o amor a um Nome, esboça o poder dos olhos na relação amorosa e a recusa do amor carnal.

A beleza de Pintaxa só é reconhecida diante da luz; antes ela era a mulher das sombras. Segundo o narrador, “Romão amava. Decerto ela também, se sabe hoje, segundo a luz de todos e as sombras individuais” (Rosa, 1979, p. 82). A luz permite a Drá refletir sobre si mesma e sobre o amor, como se ela dispusesse de um espelho. “A Drá esperançada se abraçou com o quente cadáver, se afinava, chorando pela vida inteira. Todo fim é exato. Só ficaram as flores” (Rosa, 1979, p. 83).

O enunciado “se afinava, chorando pela vida inteira” nos leva a pensar em ajustar-se ou harmonizar-se ao tipo de amor que desejou Romão; pressupomos uma relação de identidade, embora tardia, com os objetivos amorosos de Romão.

### **QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE**

No nível das personagens, verifica-se, de acordo com Simões (1988, p. 119), que a estória de “Reminiscção” pode ser sintetizada a partir do provérbio popular - **Quem ama o feio, bonito lhe parece**.

Em “Reminiscção”, no plano da história, o amor pelo belo parece ligar-se ao sagrado. Apreciar o que é belo manifesta-se como o dom da vidência: é uma atitude que parece orientar as personagens para um outro tempo - o Tempo original. Romão, a personagem central, nada exige de Pintaxa, é como se reconhecesse nela a perfeição. O que nos faz lembrar o belo discurso de Diotima sobre o amor como busca do bem, ou seja a busca da essência e do belo. Diz Diotima:

A beleza que está nas almas deve ele [o amante] considerar mais preciosa que a do corpo, de modo que, mesmo se alguém de uma alma gentil tenha todavia um escasso encanto, contente-se ele, ame e se interesse, ... chegando ao ápice dos graus do amor. (Platão, 1991, p. 41)  
[grifo nosso]



De modo geral, pode-se dizer, de antemão, que o amor de Romão por Pintaxa configura-se como um amor que estava escrito pelo destino, um amor que é atingido de irrealidade e imposto desde as origens. Enquanto Romão vislumbra a perfeição amorosa, Drá é orientada para as coisas do amor.

### Referências bibliográficas

- BULCÃO, M. Matemática como ciência do possível e mito em Platão. In: CARDOSO, Z. de A. (Org.) *Mito, religião e sociedade*. São Paulo: SBEC, 1991, p. 303-9.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FONSECA, I. B. B. da. A narrativa de Er: mito e religião na visão de Platão; mito e sociedade na reflexão de G. Seféris. In: CARDOSO, Z. de A. (Org.) *Mito, religião e sociedade*. São Paulo: SBEC, 1991, p. 175-83.
- \_\_\_\_\_. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e trad. de J. Torrano. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Fédon*. In: \_\_\_\_\_. Platão. Trad. e notas de J. Paleikat e J. C. Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 55-126
- ROSA, J. G. *Tutaméia: terceiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- SPERA, J. M. S. *As ousadias verbais em Tutaméia*. São Paulo: Arte & Cultura/ UNIP, 1995.
- VERNANT, J. *Mito e pensamento entre os gregos*. Trad. de H. Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

### Bibliografia consultada

- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 10. ed. Trad. H. dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad., introdução e comentários de M. de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- LEBRUN, G. Sombra e luz em Platão. In: NOVAES, A. (Org.) *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 21-30.

- NOVIS, V. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989. (C. Debates, 223)
- NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 143-71. (Debates, 17)
- PESSANHA, J. A. M. Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, S. et. al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 77-103.
- PEREIRA, M. H. da. Introdução. A República. In: *Platão*. 6. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s.d.
- PLATÃO. *Diálogos III - A República*. Trad. de L. Vallandro. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O Banquete ou Do amor*. 2. ed. Trad., introdução e notas de J. C. de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- \_\_\_\_\_. Fedro. In: *Diálogos*. Trad. de J. Paleikat. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.
- \_\_\_\_\_. Lisis. O de la amistad. In: Platon. *Obras completas*. Trad. del griego, preambulo y notas por F. de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1974, p. 309-609.
- SIMÕES, I. G. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. São Paulo: Perspectiva, 1988. (C. Debates, 216)
- SOUZA, J. C. de. Introdução: as grandes linhas da estrutura do "Banquete". In: PLATÃO. *O Banquete ou Do amor*. São Paulo: Difel, 1970. p. 11-85.